



# Diálogos

ISSN 2177-2940



## Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

[doi https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56746](https://doi.org/10.4025/dialogos.v24i3.56746)

Leandro José Clemente Gonçalves

[ID https://orcid.org/0000-0002-4869-3884](https://orcid.org/0000-0002-4869-3884)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Brasil. E-mail: leandroclemente@uol.com.br

### Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma comparação entre as realidades do combate em três grandes guerras do século XIX (guerras da Crimeia, da Secessão Americana e do Paraguai). Nosso intuito com tal comparação é questionar a tese segundo a qual, a introdução do armamento de alma raiada (rifle) teria, por si, revolucionado a arte da guerra e inaugurado uma era de “guerra de trincheiras”, precursora das batalhas da Primeira Guerra Mundial. Queremos demonstrar aqui que a guerra de trincheiras é o resultado, antes, do contato aproximado entre exércitos oponentes, que não queriam ser surpreendidos em campo aberto, fazendo assim a opção pela proteção das trincheiras. Demonstraremos com os três exemplos de guerras de que nos servimos aqui, que os soldados eram limitados, por inúmeros fatores, como treinamento insuficiente/deficiente, fenômenos naturais (chuva, nevoeiro), má alimentação, excesso de trabalhos, entre outros, para obterem o melhor desempenho de suas armas.

**Palavras-chave:** combate; tática; Crimeia; Secessão; Paraguai.

### Three Wars, One Way to Fight: the tactic in the mid-19th century wars in the cases of the Crimean (1853-1856), American Secession (1861-1865) and Paraguay (1864-1870) wars

**Abstract:** The present work presents a comparison between the realities of combat in three great wars of the 19th century (Crimean, American Secession and Paraguay wars). Our intention with such a comparison is to question the thesis according to which, the introduction of the weapon of rayed soul (rifle) would, by itself, revolutionized the art of war and inaugurated an era of “trench warfare”, precursor of the battles of the First War Worldwide. We want to demonstrate here that trench warfare is the result, rather, of the close contact between opposing armies, who did not want to be surprised in the open, thus making the choice to protect the trenches. We will demonstrate with the three examples of wars that we use here, that soldiers were limited, by countless factors, such as insufficient / deficient training, natural phenomena (rain, fog), poor diet, overwork, among others, to obtain the better performance of their weapons.

**Key words:** combat; tactic; Crimeia; Secession; Paraguay.

### Tres guerras, una forma de luchar: tácticas en las guerras de mediados del siglo XIX en los casos de las guerras de Crimea (1853-1856), Secesión estadounidense (1861-1865) y Paraguay (1864-1870)

**Resumen:** El presente trabajo presenta una comparación entre las realidades del combate en tres grandes guerras del siglo XIX (Crimea, Secesión americana y Paraguay). Nuestra intención con tal comparación es cuestionar la tesis según la cual, la introducción del arma de alma rayada (rifle) revolucionaría, por sí sola, el arte de la guerra e inauguró una era de la “guerra de trincheras”, precursora de las batallas de la Primera Guerra. En todo el mundo. Queremos demostrar aquí que la guerra de trincheras es el resultado, más bien, del estrecho contacto entre ejércitos opuestos, que no querían ser sorprendidos abiertamente, eligiendo así proteger las trincheras. Demonstraremos con los tres ejemplos de guerras que usamos aquí, que los soldados estaban limitados, por innumerables factores, como entrenamiento insuficiente / deficiente, fenómenos naturales (lluvia, niebla), mala alimentación, exceso de trabajo, entre otros, para obtener el mejor rendimiento de sus armas.

**Palabras clave:** combate; tática; Crimea; Secesión; Paraguay.

Recebido em: 17/11/2020

Aprovado em: 13/12/2020

## Introdução

Os meados do século XIX assistiram à grandes transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas, decorrentes das Revoluções de 1848 e da Segunda Revolução Industrial. Entre estas transformações chamam especial atenção o crescimento de um forte apoio à ideia de república e governo representativo eleito, a consolidação e expansão do capitalismo industrial-financeiro mundo afora, o início do processo de substituição da máquina a vapor pelo motor de combustão interna, o rápido desenvolvimento de pesquisas científicas no campo da eletricidade, os primórdios da pesquisa que conduziria a uma teoria da microbiologia, a organização e a luta política do proletariado na Europa e nos Estados Unidos por mais representatividade, o impulso ao movimento abolicionista na América. A guerra, como outras atividades humanas, não ficou isenta do impacto de aceleradas mudanças.

Neste artigo, nosso foco se concentrará na análise da ação de combate em três grandes conflitos daquela época: a Guerra da Crimeia (1853-1856); a Guerra da Secessão Americana ou Guerra Civil Americana (1861-1865) e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870). Nosso argumento é o de que estas guerras apresentaram mais semelhanças do que diferenças naquilo que tange ao combate, à batalha. Podemos observar muitas outras aproximações entre estes conflitos, como as doenças que açoitavam exércitos, marinhas e civis, e que eram praticamente as mesmas (como tifo, escorbuto, sarampo, varíola, cólera), e a forma de tratamento médico-hospitalar para lidar com elas; a aproximadamente idêntica logística naval e terrestre (igualmente dependente de navios, carroças, animais de tração, soldados marchando a pé e ferrovias); o envolvimento da opinião pública, mesmo, as vezes, à grandes distâncias dos teatros de operações, graças à presença da imprensa, que apresentava ao público a crueza e as dificuldades destas guerras por meio da fotografia, pela primeira vez na história, e não mais somente pelo relato textual jornalístico ou com gravuras; todas foram marcadas pelo controle civil sobre os comandantes militares em campo, por meio da telegrafia.

Embora todos estes sejam temas que exijam um estudo comparativo urgente, nosso interesse está focado na questão do combate. Nossa hipótese é a de que as forças terrestres que fizeram estas três guerras combateram de forma semelhante, tanto devido ao treinamento deficiente e às doutrinas operacionais, quanto às vantagens e limitações impostas pelas tecnologias de armamentos. Além disso, demonstraremos, ao final, que a guerra de trincheiras, um tipo de combate presente nos três conflitos, não decorreu da presença das novas armas raiadas (rifles), que conferiam maior alcance e precisão aos projeteis, mas que teria sido consequência da proximidade entre os exércitos oponentes, que queriam, dessa forma, evitar ser pegos de surpresa em campo aberto.

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

Passemos, agora, a uma análise mais detida da prática do combate nestes conflitos por meio tanto de fontes primárias (diários, cartas e reminiscências) de combatentes que tomaram parte neles, quanto de estudos conduzidos por historiadores(as) especialistas em cada uma das três grandes guerras.

### A “revolução do rifle” e o combate em meados do século XIX

Ao longo do século XX, tornou-se lugar comum entre os veteranos da Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, historiadores especialistas nesta mesma guerra a ideia de que foram o maior alcance e precisão das armas produzidas pela Revolução Industrial, em especial o mosquete e o canhão raiados (armas com ranhuras no interior de seus tubos, que conferiam novas e melhores qualidades de alcance, precisão e poder de penetração a estas), que obrigaram os exércitos da segunda metade do século XIX a procurarem pela proteção das trincheiras e outros tipos de fortificações de campo. Charles Messenger é um dos defensores de tal proposição. Para ele:

Nas guerras do século XVIII e da primeira metade do século XIX usou-se o mosquete, cuja eficiência era de apenas uns 100 metros. As duas armas principais no campo de batalha eram o canhão e a baioneta, e a vitória dependia mais [...] destas do que de qualquer outra coisa. O desenvolvimento do fuzil Minié e do cartucho autovedado [...] alterou radicalmente as táticas até então adotadas [...]. Logo se evidenciou, na Guerra Civil Americana, que o tradicional ataque frontal perdera seu significado. O maior alcance do fuzil indicava que era possível das combate aos atacantes num alcance muito maior e [...] infligir-lhes maiores baixas. [...] o canhão também tornou-se estriado, o que também aumentou seu alcance, e tudo isto combinou-se para levar à compreensão de que, muito mais do que anteriormente, era mais fácil defender do que atacar. A defesa também se tornava ainda mais fácil se se cavassem trincheiras protetoras para impedir baixas provocadas pelo fogo inimigo. (MESSENGER, 1978, p. 09)

Para os apoiadores da ideia de uma revolução tática desencadeada pelo emprego do mosquete raiado (*rifle musket*), o início da transformação estaria na guerra da Crimeia. Robert B. Edgerton, um dos expoentes desta perspectiva é categórico ao afirmar que:

Os soldados carregavam então rifles produzidos em massa, que podiam matar a cerca de uma milha ao invés do tradicional mosquete de alma-lisa de curto alcance, capaz de matar a não mais do que cem jardas. (EDGERTON, 1999, p. 10)

O argumento destes historiadores apologistas da revolução do rifle pode, entretanto, ser colocado à prova quando confrontado com os relatos em primeira mão das testemunhas oculares dos combates nas guerras do século XIX que ora trataremos aqui. Tal é o caso do tenente inglês George S. Peard, presente ao combate de Balaclava, durante a Guerra da Crimeia, comentando a

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

ação dos soldados *highlanders* escoceses contra a cavalaria russa, num episódio que ficou conhecido como o combate da “delgada linha vermelha” (devido à pouca profundidade da linha dos atiradores escoceses, com dois homens de fundo, e ao fato de estarem vestidos com jaquetas vermelhas) em 25 de outubro de 1854:

Cerca de mil e quinhentos cavaleiros russos pouco depois carregaram sobre os *highlanders*, cuja “delgada linha vermelha”, que se ajoelhou quando eles estavam a seiscentas jardas, e deu um voleio sobre suas colunas. Isto não os parou, entretanto; mas quando estavam a cento e cinquenta jardas eles foram encarados por outro voleio, que os jogou numa confusão e, girando, fugiram em todas as direções. (PEARL, 1855, p. 154-155)

Pode-se perceber assim que a eficiência destas armas, mesmo nas mãos de soldados experientes como os *highlanders*, não se dava em distâncias muito superiores àquelas dos velhos mosquetes de alma lisa do modelo Brown Bess, uma arma que disparava um projétil redondo que não era calibrado na mesma largura do seu cano e que, por isso mesmo, trambolhava no cano ao ser disparada, atrapalhando a precisão do tiro. Ainda por cima, tinha interior liso, sem as raías que, no rifle, proporcionam justamente o giro do projétil sobre seu eixo, garantindo os efeitos do maior alcance, precisão e poder de penetração.

Apesar, então, do rifle ser totalmente capaz de prover um alcance muito maior que dos mosquetes de alma lisa, utilizados na maioria dos exércitos do mundo na primeira metade do século XIX, as condições objetivas dos combates, como o som de instrumentos musicais (tais como tambores, gaitas e clarins), gritos, gemidos de soldados feridos, fumaça, relinchar dos cavalos; a excitação dos soldados (pavor, raiva, fúria, nervosismo); as más condições alimentares dos combatentes, cujo suprimento alimentar provou-se insuficiente em diversas ocasiões naquelas guerras; e a geografia da batalha, que muitas vezes se desenrolava em locais com mata densa, rochas, colinas, cobertos de neblina, muitas vezes apresentando chuva intensa, e outros tipos de obstrução a uma visão mais clara do terreno, podiam contribuir para limitar a eficiência de um disparo. Logo, o tiro realizado em condições ideais nos testes industriais de fabricantes de armas, tinha efeito totalmente diferente daquele que era realizado em uma ação real.

Em nossa pesquisa, encontramos alguns relatos que mostram, ainda, a presença de um outro elemento que muito contribuía para limitar o potencial de tiro do rifle. Trata-se da ausência do treino de tiro ao alvo entre os grandes exércitos de voluntários constituídos no continente americano entre os anos 1860 e 1870. Um primeiro relato que destacamos foi produzido pelo major-general George G. Meade, comandante do Exército do *Potomac* (federal), na Guerra de Secessão Americana, numa circular às subunidades do seu comando. Diz ele:

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

Acredita-se que existam homens nesse exército que entraram em numerosas ações sem jamais ter disparado suas armas, e é reconhecido que mosquetes retirados de campos de batalha, foram encontrados carregados quase até a boca dos canos com seus cartuchos.<sup>1</sup>

O relato seguinte nos foi fornecido pelo soldado (depois, tenente) Frank Wilkeson, da 11ª Bateria de Artilharia Ligeira de New York, durante a Campanha da Primavera de 1864, também na Guerra de Secessão Americana:

Cada soldado do exército sabia que iríamos lutar num terreno acidentado e arborizado [...] onde a prática na estimativa de distâncias era requerida, se queríamos atirar precisa e eficientemente. Os oficiais de artilharia zelosamente nos adestravam na estimativa de distâncias? Jamais, que eu me lembre. [...] Nunca, enquanto estive no campo de artilharia, eu vi os canhões serem desatrelados para a prática de tiro ao alvo. (WILKESON, 1997, p. 21-23)

Por fim, o relato extraído das “Reminiscências” do general brasileiro Dionísio Cerqueira, a propósito da guerra do Paraguai, nos mostra que

Procurava aprender por mim. Até aquela data, nada me tinham ensinado. Os únicos exercícios que havia feito foram os da Escola Central, quando era paisano [...]. A minha ignorância naqueles assuntos não era privilégio meu. Quase todos os camaradas sofriam do mesmo mal. Não podia ser de outro modo, porque não nos instruíam. [...] Não me consta que durante quatorze meses entre a rendição de Montevidéo e a passagem do Paraná, houvesse um só exercício de tiro ou alvo, quer na artilharia, quer na infantaria ou cavalaria. (CERQUEIRA, 1980, p. 65-66)

Muitos outros fatores também influíram na má qualidade do tiro executado pelos soldados nas três guerras que trataremos adiante. Entre eles, a troca das armas entre o tempo do treinamento e o da ação real, algo que detectamos no exército britânico na Guerra da Crimeia e no exército imperial brasileiro, na Guerra do Paraguai. Soldados mal alimentados, às vezes subnutridos, não conseguiam executar com precisão os complexos movimentos necessários ao municionamento e disparo de suas armas, também comprometendo a qualidade do tiro e, assim, não extraíndo delas o melhor desempenho que de fato possuíam. A excitação da luta (medo, raiva, pânico), decorrente da descarga de adrenalina no organismo, acelerando o ritmo cardíaco durante o combate, é de igual importância para que consigamos compreender a razão da incapacidade da maioria dos soldados em obter uma maior eficiência de suas armas. Por fim, os soldados nas três guerras aqui tratadas atiravam mal, também, porque careciam de treinamento de tiro ao alvo (ou “*ao branco*”, como se

<sup>1</sup> Circular, Headquarters, Army of the Potomac, April 19, 1864, vol. 33, 907-908. In: U. S. WAR DEPARTMENT. *The War of the Rebellion: a Compilation of the Official Records of the Union and Confederate Armies*. 128 vols. Washington: Government Printing Office, 1880-1901.

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

dizia no século XIX), tão necessário às corretas estimativas de distâncias, e, dessa forma, seus oficiais comandantes pareciam preferir que atirassem “de perto” sobre o inimigo.

Propomos, como Earl J. Hess o faz em seu estudo sobre a Guerra Civil Americana, que as operações táticas em trincheiras naquelas guerras não poderiam, portanto, ser derivadas do emprego do rifle e de seus superiores alcance e precisão, fato que teria dilatado o campo de batalha e tornado uma maior sobrevivência dos soldados só possível mediante o uso de trincheiras. Acreditamos, outrossim, que a “guerra de trincheiras” nasceu do contato aproximado e constante entre forças oponentes em campo, que precisavam se precaver contra investidas de surpresa de seus respectivos inimigos. (HESS, 2007, p. XIII-XVIII)

### **Lutando na Criméia**

Devido a uma grave carência no mercado editorial brasileiro de obras sobre a história da Guerra da Crimeia, faremos aqui uma breve apresentação das razões geopolíticas que levaram a este conflito, e à escolha da Península da Crimeia como principal, mas não único, teatro de operações da guerra. Tratou-se de uma luta entre o Império Russo e uma aliança de países constituída pelo Império Otomano, Inglaterra, França e Piemonte, que durou de 1853 a 1856. As maiores, mais brutais e mais importantes operações e a maioria das mortes neste conflito, se deram na Península da Crimeia, na região do mar Negro, no sul da Rússia. Nesta localidade ficava o estratégico porto de Sevastopol, a partir de onde a marinha russa conseguia ameaçar o Império Otomano, especialmente o controle deste sobre a cidade de Constantinopla e os estreitos de Bósforo e Dardanelos, que a Grande Porta (nome dado à época ao governo do sultão da Turquia) poderia fechar, impedindo a navegação russa no mar Mediterrâneo. Inglaterra e França, então em expansão pelo norte da África e temerosas de que os territórios turcos no atual Oriente Médio caíssem nas mãos do czar da Rússia (imperador Nicolau I, 1796-1855), apoiaram e protegeram a Turquia (a quem o czar Nicolau I chamava de “o homem doente da Europa”) com suas forças armadas. A presença do Piemonte neste conflito se justifica pelo fato de que a dinastia de Savóia, então no governo piemontês, demandava reconhecimento e, principalmente, apoio internacional das maiores potências europeias às suas reivindicações ao pretendido governo de uma futura Itália unida sob controle piemontês. (FIGES, 2019)

Após desembarcar em Eupatoria, na península da Crimeia, no litoral russo do mar Negro, em 1854, o exército aliado (anglo-franco-turco) avançou para a cidade e base naval russa de Sevastopol, ao sul de seu ponto de desembarque, onde se desenvolveriam as grandes operações terrestres da Guerra da Crimeia. Nesta marcha, os aliados se defrontaram pela primeira vez contra

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

os russos no rio Alma, onde se deu a batalha na qual muitos defensores da “revolução tática do rifle” identificam a aurora do mosquete raiado (rifle) e o início do fim do mosquete de alma-lisa. Para muitos deles, como Brian Holden Reid, a vitória aliada (com 362 ingleses e 500 franceses mortos contra 5500 baixas russas) foi consequência inevitável do fato de estarem os aliados armados com rifles de longo alcance, ao passo que os russos se equipavam com os antiquados Brown Bess. (REID, 1999, p. 41)

O capitão Hodasevich (que era um oficial polonês a serviço da Rússia que, posteriormente, desertou para os ingleses, e após o final deste conflito, migrou para os Estados Unidos, onde lutou pelos federais na Guerra Civil Americana, prestaria ainda valiosos serviços como engenheiro ao exército argentino na Guerra do Paraguai) esteve na batalha e, em suas memórias, nada diz sobre uma suposta superioridade tecnológica das armas aliadas em Alma (MARTIN, 2010, p. 13-36). Ao contrário, deixa claro que a derrota russa foi decorrência da inépcia dos seus comandantes:

“[...] eu devo dizer que os russos foram batidos pelas seguintes causas \_ primeiro, as tropas foram mal dispostas sobre a posição; segundo, durante a ação ninguém dava qualquer diretiva do que fazer e todos atuavam como se soubessem o que fazer [...] Durante cinco horas em que a batalha se deu ninguém viu ou ouviu dizer sobre nosso general-de-divisão, ou brigadeiro, ou coronel [...]”. (HODASEVICH, 2008, p. 62-63)

A análise mais detida das memórias de veteranos britânicos da Guerra da Crimeia nos revela, entretanto, que grande parte do exército da rainha Vitória estava equipado com os antigos mosquetes de alma-lisa (modelo Brown Bess). Tal é a situação narrada pelo soldado James O'Malley, do 17º Regimento de Leicestershire (os *Bengal Tigers*). Seu regimento inteiro foi equipado e treinado com mosquetes raiados (rifles do modelo Enfield), que O'Malley e seus colegas muito elogiaram, no começo do ano de 1853, antes, portanto, do início das hostilidades (O'MALLEY, 2012, p. 36). Todavia, já lutando na Crimeia, afirma que receberam os velhos Brown Bess ao desembarcarem no porto de Balaclava, nas proximidades da já sitiada, pelos aliados, cidade de Sevastopol. Lutando nas trincheiras ao redor da cidade, diz O'Malley que “Durante o dia tentamos vários tiros com o “Velho Brown Bess” a cerca de 800 jardas. Oh! Como ansiávamos então por um bom rifle Enfield, em vez do alma-lisa com o qual estávamos armados!” (O'MALLEY, 2012, p. 53)

No cerco de Sevastopol (entre outubro de 1854 e setembro de 1855) os dois lados se serviram de posições entrincheiradas. Anthony Saunders vê nisso uma consequência do uso de um “[...] poder de fogo acrescido, de forma que a necessidade de entrincheiramento pela infantaria tornou-se essencial para que ela sobrevivesse no campo de batalha.” (SAUNDERS, 2010, p. 22)

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

É preciso lembrar, todavia, que as operações em torno de Sevastopol caracterizaram-se como um cerco e, assim sendo, necessariamente levaram ao extensivo uso de trincheiras para a defesa da cidade, bem como para a tomada dela. Logo, o uso de entrincheiramentos neste local nada deveu à presença do rifle e sim ao contato constante e ininterrupto, por onze meses consecutivos, entre inimigos.

Por fim, durante toda a campanha de sítio os combates se davam a curtas distâncias, negando ao rifle seu potencial. Novamente, é o soldado O'Malley quem nos dá uma amostra desse tipo de combate aproximado durante a batalha de Inkerman (5 de novembro de 1854), dizendo que, quando os russos

[...] entraram em nossas trincheiras, mas, à medida que avançavam, demos-lhes as baionetas, depois de descarregar o conteúdo de nossas armas em suas faces. Este foi um dos combates mais sangrentos já vistos desde que a terra foi amaldiçoada pela guerra, e conforme o inimigo nos atacava repetidamente, ficamos tão presos [nas trincheiras] que não podíamos encurtar os braços, e quando puxamos a baioneta [do corpo] de um sujeito, arrancamos os miolos [de outro] mais uma vez com a coronha e, quando não conseguíamos alcançar suas cabeças, batíamos nas canelas deles. (O'MALLEY, 2012, p. 67)

Um fator de estresse sobre os combatentes, como afirma Carol Reardon em seu estudo sobre as condições do combate na Guerra de Secessão Americana, que muito contribuía para reduzir a eficiência das armas, era a fraca alimentação oferecida aos soldados, que entravam em combate, não raras vezes, famélicos e sofrendo com hipoglicemia. Mesmo em exércitos de governos dotados de vastos recursos financeiros, como o inglês, as dificuldades e imprevidências dos administradores da logística, tanto civis quanto militares, contribuíram para que os soldados entrassem em combate já bastante abatidos pela fome. O'Malley nos diz que a alimentação consistia em biscoitos duros como pedra, daí serem conhecidos "*hard tack*", carne de porco crua e salgada e água fria (a carência de lenha na Península da Crimeia fora um problema crônico durante toda a guerra, impedindo que os soldados fervessem a água para posteriormente, bebe-la ou simplesmente cozinharem) (O'MALLEY, 2012, p. 55). Nestas condições, somadas ao excessivo trabalho de cavar trincheiras, empurrar carroças atoladas na lama (um problema bastante comum na elevada humidade da Crimeia na primavera e no inverno), puxar e posicionar pesados canhões e morteiros de assédio pelas elevações ao redor de Sevastopol, carregar colegas feridos ou doentes até os hospitais, e ainda lutar, como poderiam soldados fazer tudo isso com eficiência estando tão mal alimentados?

O clima também interferia nos combates. Nas primeiras horas da grande batalha campal de Inkerman (5 de novembro de 1854), por exemplo, o nevoeiro que cobria o campo impedia que os soldados aliados armados com mosquetes raiados obtivessem um largo campo de visão para abater os atacantes russos a grandes distâncias. Nathaniel Steevens, do 88º Regimento, os Connaught

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

Rangers, diz que “Nessa ocasião, prevalecia um nevoeiro tão denso, que nenhum inimigo podia ser visto [...]” (STEEVENS, 2012, p. 86). Isso explicaria o porque do exército russo, também armado com mosquetes de alma-lisa Brown Bess, conseguiu cair sobre as trincheiras de assédio dos ingleses e forçar uma sangrenta luta corpa-a-corpo. O’Malley nos diz sobre essa batalha que

Veloz e furiosa cresceu uma das lutas mais sangrentas e renhidas já testemunhadas, não apenas os desesperados choques corpo-a-corpo foram mantidos em ambos os lados, mas os britânicos foram obrigados a resistir com baioneta a baioneta, enquanto o inimigo atacava repetidamente com fúria demoníaca e determinação. (O’MALLEY, 2012, p. 58)

Dessa maneira, com tão grandes limitações, o alcance e a precisão superiores dos mosquetes raiados não poderiam ter condicionado as condições do combate na Guerra da Crimeia. A opção pelas trincheiras foi consequência da proximidade entre os inimigos e do desejo dos dois lados de evitar serem pegos de surpresa. Apesar disso, como vimos acima, ocorreram combates onde o corpo-a-corpo, com emprego de baionetas e das coronhas dos mosquetes como porretes, foi recorrente.

### **A Guerra Civil Americana: o caso da Campanha da Primavera de 1864**

Depois de três anos de guerra (iniciada em 1861) e seis diferentes comandantes, o Exército do Potomac (nortista), a maior força militar terrestre constituída nas Américas até então, e seu arqui-inimigo, o Exército do Norte da Virgínia, a maior força militar à disposição do governo separatista confederado (sulista), embarcavam naquela que se revelaria a mais brutal de todas as suas campanhas, que ora utilizaremos como exemplo de nossos apontamentos sobre a semelhança entre as três guerras aqui tratadas. Esta ficaria conhecida como “*Overland Campaign*”, ou Campanha da Primavera de 1864.

Tal campanha, constituída pelas grandes batalhas de *Wilderness* (5 a 7 de maio), *Spotsylvania Court House* (8 a 21 de maio), *North Anna River* (23 a 26 de maio) e *Cold Harbor* (31 de maio a 12 de junho), seria marcada por duas características inéditas para os combatentes da Guerra Civil: a primeira, a decisão do comandante-em-chefe da União, o tenente-general Ulysses S. Grant, em manter contato permanente com o inimigo, independentemente do resultado das batalhas, com o intuito de fazer prevalecer os números superiores, em homens e recursos, do governo federal e levar os rebeldes sulistas a “sangrar até a exaustão” de seus recursos; e a segunda, o disseminado uso de fortificações de campo durante todas as batalhas desta campanha (HESS, 2007, p. XIII).

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

Assim como no caso dos estudos acerca da Guerra da Crimeia, predomina aqui a abordagem da “revolução do rifle”. Um dos maiores expoentes, se não o primeiro, desta perspectiva na Guerra Civil foi J.F.C. Fuller, para quem as características mais importantes deste conflito foram

“[...] a inutilidade do assalto frontal e a necessidade de entrincheiramento de campanha, ambas como consequências da bala de fuzil. [...] Outras modificações foram o desaparecimento da carga de cavalaria, o papel cada vez mais preponderante do canhão raiado e o completo destronamento da baioneta.” (FULLER, 2002, p. 103-105)

Uma nova leva de pesquisas sobre as condições táticas do campo de batalha nesta guerra tem demonstrado que a perspectiva de Fuller, no entanto, apenas deteve-se na superfície do problema. Griffith (2001), Nosworthy (2003) e Hess (2007) produziram estudos e críticas extremamente renovadores na área.

Griffith, por exemplo, nos mostra que entre 1815 e 1861 ocorreram melhorias no armamento individual que levaram à adoção do mosquete raiado, com sistema de percussão e projétil cilíndrico (conhecido pelo nome de seu inventor, Claude-Etienne Minié), cuja combinação garantia uma sensível melhora no alcance. Mas é o mesmo autor que faz a ressalva

A despeito das possibilidades táticas da boa precisão à longas distâncias, a teoria tática ainda repousava sobre a ideia de fogo reunido à curta distância. [...] a principal linha de desenvolvimento repousava menos com os super precisos rifles *sniper* do que com a arma do soldado comum, numa descarga coletiva numa zona de aproximadamente cem jardas de profundidade. Mesmo o modesto alma-lisa podia dar excelentes resultados neste tipo de fogo [...]. (GRIFFITH, 2001, p. 74)

Nosworthy, por sua vez, destaca que o mosquete raiado demandava um elevado nível de adestramento para ser operado com máxima eficiência, dado que os tiros geralmente perdiam 14 pés de altura a cada 300 jardas, fato que obrigava a um treinamento de semanas, se não meses \_uma impossibilidade nos exércitos de massas da Guerra Civil, que se constituíam a partir de termos (contratos) de alistamento de poucos meses, em geral nove (NOSWORTHY, 2003, p. 31-34). Por fim, ele ainda calculou, baseado nos *Official Records* (Registros Oficiais, que foram compilados pelo governo dos Estados Unidos após a guerra, reunindo milhares de relatórios de oficiais envolvidos em combate), que em aproximadamente 7.000 combates a média de distâncias de troca de tiros giraria entre 10 e 250 jardas, distâncias, portanto, bem curtas para o potencial do rifle (NOSWORTHY, 2003, p. 574).

O próprio soldado Wilkeson conta que numa conversa com um veterano de outras batalhas neste local, este lhe teria dito sobre as condições de luta em Wilderness:

GONÇALVES, Leandro José Celemente. *Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)*

“Essa região”, indicando as matas além de nós com um movimento do seu braço, “é um lugar pavoroso para lutar. A extensão máxima do campo de visão é de cerca de cem jardas. A artilharia não pode ser usada com eficiência. Os feridos podem ser queimados até a morte. Desejo arriscar minhas chances de ser morto, mas temo ter uma perna quebrada e, então, queimar lentamente; e essas matas seguramente pegarão fogo se lutarmos aqui. Eu espero que atravessemos este matagal sem lutar [...]” (WILKESON, 1997, p. 50)

Finalmente, a tese de Hess, que leva em consideração as renovadoras pesquisas de Griffith e Nosworthy, é de que a luta em trincheiras durante a fase mais violenta da Guerra Civil Americana, a campanha da Primavera de 1864, foi o resultado não do emprego do rifle, mas sim do constante contato aproximado entre os exércitos oponentes. Para Hess

Tanto os soldados da União quando os confederados tendiam a cavar após uma aguda batalha ter sido travada e seu inimigo estar ainda dentro da distância de ataque. O choque do combate impelia os oficiais e soldados a erguer algum tipo de defesa artificial. [...] Com a introdução do contato contínuo por Grant na primavera de 1864, o resultado foi uma confiança mais intensa sobre as defesas de campo dos dois exércitos. A batalha de Wilderness foi o pivô sobre o qual esta mudança de grande tática ocorreu. Os dois lados apenas parcialmente entrincheiravam-se em 5 de maio e metade do combate daquele dia ocorreu sem a ajuda de defesas de campo. [...] Quando Grant moveu a cena das operações para Spotsylvania, os confederados aceitaram completamente a utilidade de entrincheirar-se antes de qualquer luta. Como resultado, os dois exércitos saltaram na guerra de trincheiras. (HESS, 2007, p. 206)

O coronel Theodore Lyman, membro do estado-maior do comandante do Exército do Potomac, colocou em suas cartas que a vegetação de Wilderness faz com que uma força inimiga “[...] dificilmente possa ser vista a cinquenta jardas” (AGASSIZ, 1922, p. 89). Ou seja, a geografia do teatro de operações inviabilizava que os rifles fossem utilizados em seu máximo alcance.

Numa correspondência, datada de 18 de maio de 1864, o mesmo Lyman diz das trincheiras confederadas

É uma regra que, quando os rebeldes fazem alto, o primeiro dia lhes dá um bom buraco de rifles; o segundo, um parapeito regular de infantaria com artilharia em posição; e o terceiro, um parapeito com um abatis... em frente e uma bateria entrincheirada por trás. As vezes colocam este trabalho de três dias nas primeiras vinte e quatro horas. Nossos homens podem, e fazem, o mesmo, mas lembre-se, nosso objetivo é a ofensiva \_ é avançar. Você se assombraria em ver como este território é atravessado com fortificações de campo [...]. (AGASSIZ, 1922, p. 89)

Destes testemunhos de Lyman podemos depreender, portanto, que a verdadeira razão do entrincheiramento, extensivamente utilizado durante a Campanha da Primavera de 1864, não pode ter sido a mera presença do mosquete raiado (rifle) em campo. Antes, acreditamos que as trincheiras aí estavam para que os exércitos tivessem alguma chance melhor de sobrevivência em caso de um

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

assalto inesperado das forças inimigas. Esta perspectiva nos é apresentada por outro veterano da Guerra Civil, o próprio major-general Willian T. Sherman em suas “Memoirs”

[...] mas, fortes de terra, e especialmente fortificações de campo, desempenhariam doravante uma parte importante nas guerras, porque habilitariam uma força menor a manter uma força superior em cheque por um tempo, e tempo é o elemento mais valioso em todas as guerras. [...] Quando uma linha de batalha está coberta por um bom parapeito, feito por engenheiros ou pelo trabalho dos próprios soldados, isto requer um esforço para fazê-los abandoná-lo em face do perigo; mas quando o inimigo está entrincheirado, torna-se absolutamente necessário permitir que cada brigada e divisão de tropas imediatamente oposta construa uma trincheira correspondente para sua própria proteção em caso de um ataque repentino. (SHERMAN, 1990, p. 887)

### Lutando no Paraguai

Rifles demandavam, como ainda demandam, constante treinamento de tiro ao alvo, além da instrução das operações de manutenção e limpeza do armamento. Os militares franceses e ingleses haviam percebido desde os anos 1850, que estas novas armas exigiam rigoroso treinamento dos seus usuários para que se pudesse extrair o melhor rendimento delas. Os franceses estabeleceram uma escola de tiro em Vincennes e os ingleses em Hythe, com o objetivo de selecionar sargentos de todos os corpos de infantaria de seus respectivos exércitos, instruí-los e devolve-los aos seus corpos para que treinassem seus soldados. A ênfase desta preparação recaía sobre o tiro ao alvo e a estimativa de distâncias, especialmente porque a trajetória da bala cilíndrica do rifle, em forma parabólica, exigia tal condicionamento. (MYATT, 1979, p. 61-64)

Em nossa leitura das recordações da Guerra do Paraguai de Dionísio Cerqueira encontramos, entretanto, um quadro muito distante da realidade dos modernos exércitos francês ou britânico de meados do século XIX, quando este diz que “[...] nosso pequeno e mal aparelhado exército deixava muito, senão tudo, a desejar, desde a instrução técnica e o preparo indispensável para a guerra até o comissariado de víveres e forragens [...]”. (CERQUEIRA, 1980, p. 63)

A carência deste tipo de cuidado durante a Guerra do Paraguai, entretanto, não era um privilégio do exército brasileiro, reproduzindo-se nas forças aliadas. O tenente Francisco Seeber, do exército argentino, em carta a um amigo, testemunha que

Os fuzis que nos foram dados são de qualidade muito ruim. São de fulminante, fabricação alemã para exportação, e muitos não disparam o fulminante ao primeiro golpe do gatilho. Atiramos muito pouco ao alvo, e a economia de pólvora se traduzirá mais tarde em esbanjamento de vidas. (SEEBER, 1907, p. 38)

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

Conseguimos constatar exatamente a mesma situação num trecho registrado em 31 de dezembro de 1865, pelo major uruguaio León de Palleja, em seu diário. Ao tratar da realização de um exercício de tiro pelos soldados orientais, este oficial não deixou de assinalar seu desgosto com a ausência destes exercícios

Um exercício de fogo está sendo preparado pela infantaria oriental para amanhã. Não há pólvora mais bem empregada do que aquela que se consome nos exercícios. As armas de fogo exigem que o operador as use pelo menos uma vez por mês. Quando você passa dias sem atirar, mesmo que seja um franco-atirador, você experimenta uma certa timidez e falta de pulso. Não sei por que nossos chefes superiores são tão econômicos com a pólvora; custa muito trabalho conseguir permissão para fazer um exercício de fogo; é uma economia mal compreendida, já que a principal força da infantaria consiste na execução de seus disparos, o maior cuidado deve ser tomado para garantir que sejam eficazes, e com armas de precisão é até desejável não perder um único tiro em vão. Agora, como obter bons resultados nos fogos, se muito raramente usa uma arma com pólvora, nosso soldado? É muito diferente com a arma branca; com ela o soldado se torna destro e habilidoso executando simplesmente os exercícios; porém, no tocante às armas de fogo, é diferente. (PALLEJA, 1960, Tomo I, p. 364-365)

A maior parte do treinamento no exército imperial, pelo menos antes de 1866, era baseada em manobras de linhas e colunas e a passagem de uma para outra, em ordem-unida e sem exercícios de tiro (CERQUEIRA, 1980, p. 72). O resultado inevitável, do que foi dito até aqui, é, portanto, que, os soldados de infantaria brasileiros e seus aliados argentinos e uruguaiois não sabiam e não podiam por causa da munição ou da carência de exercícios de tiro, aproveitar as largas vantagens de maior alcance e precisão de seu armamento.

Outro problema resultante da falta de treinamento e da excitação do combate diz respeito ao carregamento de vários projéteis no mesmo mosquete Minié, como vimos já que acontecia também na Guerra de Secessão. Em sua breve tese para a Escola Militar em 1872, o capitão Antonio J. do Amaral, falando a respeito das vantagens do armamento de retro-carga sobre o de ante-carga, diz “não há nestas armas o perigo que oferecia o armamento antigo, de ficarem carregados com dois ou maior número de cartuchos, feito que muitas vezes se dava no ardor do combate [...]” (AMARAL, 1871, p. 24)

O capitão prossegue mostrando um relatório do governo dos Estados Unidos que apresentava a impressionante quantidade de 24.000 armas de ombro, recolhidas após a batalha de Gettysburg (01 a 03 de julho de 1863), na Guerra Civil Americana, que ainda estavam carregadas, sendo que quase a metade tinha dois cartuchos no cano e 25% tinha entre três e dez cartuchos (AMARAL, 1871, p. 24). Uma explicação possível é que o fulminato ou cápsula de percussão, responsável nos mosquetes por desencadear a detonação do tiro, podia arrebentar sem detonar a pólvora do cartucho, levando o soldado a uma nova recarga, prejudicando o desempenho e o

GONÇALVES, Leandro José Celemente. *Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)*

alcance da arma. A historiadora Carol Reardon revela como funciona essa excitação, ou pavor, durante o combate e qual seu impacto sobre a psicologia dos soldados combatentes

A maioria dos soldados carregava suas armas sem dificuldade enquanto se preparava para o engajamento, mas uma vez que entravam em ação, a adrenalina, inspirada por qualquer emoção intensa, continuava a ascender a frequência cardíaca. A 115 batimentos por minuto, as finas habilidades motoras começam a deteriorar-se; isso ajuda a explicar porque um soldado frequentemente se atrapalhava com a pequena cápsula de percussão de seu rifle. Conforme o combate se intensificava, a pulsação continuava a subir. [...] Quando os batimentos cardíacos excediam 145 por minuto, os soldados podiam ter perdido alguns dos grandes controles musculares que determinavam a eficiência de habilidades motoras complexas [...]. (REARDON, 2012, p. 114)

Nas memórias de Juan Crisóstomo Centurión, oficial paraguaio, podemos perceber que soldados excitados (apavorados), facilmente podiam, até mesmo, esquecer de retirar a vareta-soquete (usada para carregar os mosquetes de ante-carga) do cano de suas armas e dispará-la acidentalmente contra o inimigo. Diz ele sobre o combate na ilha Carapá, posteriormente denominada ilha Cabrita pelos brasileiros, em homenagem do major Villagram Cabrita (morto neste combate), comandante dos brasileiros que ocuparam essa localidade e a defenderam de um contra-ataque, que um dos atacantes paraguaios

[...] era meu irmão, Fernando A. Centurión, um cabo de infantaria do batalhão núm. 9, que veio trazendo uma vareta de rifle em sua garganta e rosto! Parece que um dos soldados inimigos, na pressa de carregar sua arma e atirar nos assaltantes, havia esquecido de tirar a vareta do cano do rifle, e ao atirar, era como uma flecha que penetrou no pescoço pela direita, e cruzando a garganta, saiu pelo lado esquerdo do rosto [...]. Ele estava tentando arrancar pela esquerda por engano, o que naturalmente não conseguiu por causa do botão [da vareta] que segurava do outro lado e, como não havia tempo a perder, foi forçado a pular na água ao lado da canoa e agarrando-se a ela por um dos bordos com uma das mãos e segurando o peso da vareta com a outra, veio nadando até chegar a Itapiru, onde um cirurgião a tirou dele. (CENTURIÓN, 2005, p. 38-39)

As trocas de tiros com os paraguaios davam-se, geralmente, a distâncias bem curtas, embora os fuzis brasileiros contassem com alças de miras para até 825 metros de alcance (CASTRO, p. 08). Dionísio Cerqueira nos fala que no combate de 16 de julho de 1866, os homens do 4º batalhão de infantaria de linha, ao qual estava agregado como alferes, atiravam a 200 metros do inimigo (CERQUEIRA, 1980, p. 167). José Bernardino Bormann, veterano da Guerra do Paraguai e, posteriormente, historiador deste conflito, diz que a infantaria brasileira, na 2ª batalha de Tuiuti (03.11.1867), começou a sua fuzilaria quando se deu a carga inimiga e que os paraguaios estavam a 200 metros quando receberam o seu sinal de ataque (BORMANN, 1897, vol. 2, p. 61). Ou ainda, novamente Dionísio Cerqueira:

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

A briga andava cada vez mais travada. Os soldados já não tiravam a vareta para calar a bala. Derramavam a pólvora no cano, metiam o projétil e batiam com o coice no chão. Em combate geralmente o soldado não aponta: por isso as zonas perigosas são as do ponto em brando e do maior alcance da arma. Há entre eles uma zona neutra, onde são raros os impactos. (CERQUEIRA, 1980, p. 232)

Assim, é fácil imaginar que as balas, não sendo adequadamente socadas na culatra, deviam perder muito de sua potência quando disparadas e, pior, que na excitação do combate o soldado nem fazia pontaria e, dessa forma, desaproveitava o maior alcance de sua arma. Um problema que E. J. Hess também identificou na Guerra Civil Americana é que “a trajetória parabólica era tão alta que as balas voavam sobre as cabeças de muitos oponentes, criando duas zonas de morte.” (HESS, 2008, p. 02)

O tenente Seeber, queixando-se dos uniformes argentinos que julgava desconfortáveis, diz que são excelentes alvos para os atiradores paraguaios, mas que estes não podem se aproveitar disso porque suas armas têm pouco alcance e, de qualquer maneira, “[...] que os encontros se dão sempre à meio tiro de fuzil, à cuja distância toda cor é igual” (SEEBER, 1907, p. 113-114.). E, já que falamos de Seeber é importante frisar que os contingentes da província de Buenos Aires estavam equipados com o rifle *Thouvenin*, de fabricação francesa, com alcance bem próximo dos 825 metros previstos para o *Minié* e o *Enfield*, como observou o historiador argentino Miguel Angel de Marco (DE MARCO, 2007, p. 123-125).

Notamos, nestes testemunhos de época, portanto, que os soldados e oficiais não eram preparados para extrair tudo o que suas modernas armas tinham a oferecer, transparecendo que a precisão não era uma necessidade básica em combate, mas sim o volume de fogo proporcionado pela concentração de homens em fileiras, e a rapidez de descarga e novo municiamento das armas.

As riquíssimas reminiscências de Dionísio Cerqueira trazem também um bom relato do uso da coronha como arma de “coice”, na luta pelo controle da ilha da Redenção no rio Paraná

A luta prolongava-se cada vez mais acesa, mais tétrica, mas sangrenta. Já alguns rostos morenos, com as bocas negras de pólvora dos cartuchos que mordiam, no afã de repetir tiros mortíferos [...], cabeças ensanguentadas, cobertas por barretinas de couro, negras, com a larga faixa de tricolor, assomavam por momentos esparsas na vista do parapeito, para logo rolarem no Fundo do Fosso aos golpes das espadas, das baionetas e das coronhas, brandidas como massas esmagadoras. (CERQUEIRA, 1980, p. 114)

Podemos perceber, conseqüentemente, que, apesar de toda a modernidade atribuída ao rifle na Guerra do Paraguai, o conjunto baioneta/coronha encontrou muito espaço tático vago para continuar sendo tão presente e decisivo quanto havia sido na batalha de Culloden (1746), mais de um século antes, durante a Guerra Jacobita, na Escócia. (MACDONALD, 1989, p. 46-53.)

GONÇALVES, Leandro José Celemente. *Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)*

Um outro armamento, comum a todos os oficiais do Exército, Guarda Nacional e Voluntários da Pátria, Marinha e Fuzileiros, foi o revólver. O Relatório da Comissão de Melhoramentos de Armamentos do Exército brasileiro, de 1864, mostra a primeira compra feita na Europa, consistindo em 998 peças de seis tiros para oficiais de cavalaria. (Relatório do Ministério da Guerra do ano de 1864, Comissão de Melhoramentos, p. 13.)

De Marco, tratando especificamente das Forças argentinas, diz que

Os chefes e oficiais de infantaria, costumavam portar revólveres do sistema LeFouchete, de ante-carga pelo tambor, provistos pelo governo ou adquiridos por eles mesmos, porém fiavam sua defesa e capacidade ofensiva às espadas afiadas como lâminas de barbear. (DE MARCO, 2007, p. 126)

O único testemunho que encontramos nas memórias brasileiras consultadas, está na obra de Cerqueira: “Recebi as ordens do comandante [...] e parti, a pé, para o porto Quiá, tendo por companheiros a minha espada, sempre fiel, a inseparável e boa amiga e um revólver LaFauchaux, em cuja lealdade, confiava muito menos.” (CERQUEIRA, 1980, p. 216)

Por fim, há no Diário do Exército uma interessante, embora passageira, citação de uma constatação feita pelo tenente Etchebarne, da Marinha Imperial, de que, no dia 14 de abril de 1868, após ter desembarcado de um navio da esquadra para encontrar-se com o marquês de Caxias, teria passado pela localidade do combate do forte do Estabelecimento (19.02.1868), ou reduto Cierva como os paraguaios o chamavam, onde observou que “[...] na margem do rio muitas árvores crivadas de balas de infantaria, o que não poderia atribuir senão à fuzilaria do combate de 19 de fevereiro último [...]”. (CAXIAS, 1877, p. 346)

O armamento de carregamento pela culatra estava em pauta em todos os exércitos que se pretendiam modernos no século XIX. No Brasil, por meio do fuzil de agulha Dreyse, ele já era uma realidade desde que algumas tropas foram com ele dotadas, em 1851, para a campanha contra Rosas.

Durante o período em que durou a Guerra do Paraguai (1865-1870) apenas um exército no mundo esteve totalmente equipado com armamento de retrocarga, o prussiano, e este justamente com a Dreyse. Muitos historiadores foram unânimes em afirmar, inclusive, que tal arma teria sido o pivô da vitória prussiana frente aos austríacos em *Königgrätz* em 1866. Geoffrey Wawro, professor do *Naval War College* nos Estados Unidos e especialista das guerras de unificação opina que

A decisão de Moltke em fazer do infante prussiano o melhor e mais dotado de recursos da Europa foi ajudada pela coincidência de que, em 1866, a Prússia era a única grande potência européia armada com rifles de retrocarga, o Dreyse *Zündnadelgewehr*, ou rifle de agulha, assim chamado por causa de seu percussor na forma de agulha. Embora o rifle de

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

agulha com ferrolho pudesse ser carregado e disparado quatro vezes mais rápido do que os rifles de antecarga usados por outras potências européias, nenhum dos rivais da Prússia adotou o rifle Dreyse após ele ter sido introduzido em 1849. Este fato curioso é atribuível às falhas no rifle prussiano que o tornaram suspeito aos olhos das potências estrangeiras. Ele era grosseiramente construído, com um percussor frágil, uma dura ação de ferrolho que, às vezes, tinha que ser martelado com uma pedra para abrir e uma culatra defeituosa que soprava faíscas nas faces de seus manuseadores. Este defeituoso selo de gases, que era o defeito básico de todos os primeiros retrocarga, também dissipava muito do impulso e da velocidade do rifle [...]. No tocante à rápida razão de fogo do rifle, essa também era percebida por muitos oficiais europeus como um defeito, não uma força, pois em quaisquer mãos que não as mais frias, tal rifle seria disparado muito rapidamente, exaurindo os estoques de munições com escaramuças, antes que começasse a batalha total. (WAWRO, 1996, p. 21-22)

Na Guerra do Paraguai este “fuzil de agulha” foi empregado em ação real uma única vez: na batalha do forte do Estabelecimento. Os defeitos que então apresentou foram tais que o comando do exército decidiu retirá-lo definitivamente de uso. Na Ordem do Dia nº 15 do Marquês de Caxias, determinando a transformação do 15º batalhão de infantaria em Corpo de Atiradores, também conhecido entre seus pares como “batalhão agulha” por causa do fuzil Dreyse, que empregava percussor em forma de uma agulha para detonar o projétil em sua câmara, datada de 21 de dezembro de 1866, pode-se ler:

S. Ex. o Sr. Marechal do Exército [...] Comandante em Chefe, determina que os Srs. Comandantes dos Batalhões de infantaria existentes no 1º corpo de Exército, escolham e nomeiem, quanto antes, vinte e cinco praças dos mais robustos dos seus respectivos corpos, para aprenderem o exercício das armas de agulha com os subalternos e inferiores que para esse fim, acabam de receber instrução das mesmas armas [...].<sup>2</sup>

Muito provavelmente a ordem para escolher “praças dos mais robustos” decorria do reconhecimento da dureza/dificuldade de manuseio do ferrolho de que nos fala Wawro, mas pode ser também consequência da necessidade de dar a estes soldados uma arma que, embora não fosse mais pesada (4,08 Kg), comparada ao mosquete raiado de 14,8 mm (cerca de 4,3 Kg), obrigava-os a carregar mais munição (500 cartuchos por soldado), devido ao rápido consumo em batalha, e mais pesada, embora também fosse de papel (MARACAJU, 1922, p. 71). Sobre as dificuldades de manuseio e defeitos destas armas temos vários testemunhos, todos tratando da já citada infeliz experiência na batalha do Estabelecimento, como o do então tenente de engenheiros Emílio C. Jourdan

Esta mortandade em oficiais, sendo nos mortos 25 tenentes e alferes, proveio da [...] formação de um corpo de atiradores armados com os péssimos fuzis de agulha, armas

<sup>2</sup> Exército em operações na república do Paraguay, sob comando em chefe de todas as forças de S. Ex. o Sr. Marechal de Exército, Luis Alves de Lima e Silva. Ordens do Dia. Primeiro Volume (compreendendo as de n. 1 a 96), 1866-1867, Rio de Janeiro: Lithographia de Francisco Alves de Souza, 1877, p. 71.

GONÇALVES, Leandro José Celemente. *Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)*

mandadas vir da Alemanha. [...] Poucos dias depois do ataque foi extinto o corpo de atiradores, mudados os fuzis de agulha por carabinas Minié e reorganizado o 15º batalhão de infantaria de linha. (JOURDAN, 1890, p. 137)

Não muito diferente da apreciação de Jourdan, o capitão José Luis R. da Silva nos diz

Outro sistema de espingarda apareceu no exército, suponho de origem belga, e a experiência a que se procedeu no combate do Estabelecimento, deu como resultado um completo desastre. O major Meyer, alemão, antigo instrutor de infantaria na Escola Militar da Praia Vermelha, passou a comandar o 15º batalhão, ao qual estava distribuída essa arma de agulha [...]. Aos primeiros disparos, as armas se inutilizaram, não conseguindo o projétil ser expelido na forma precisa, ficando aderente às paredes interiores da boca do cano. Um descalabro horroroso! O autor destas linhas testemunha ocular do monumental fracasso, verificou a realidade do fato, ao empunhar uma das malfadadas espingardas. Os soldados [...] esperavam a queda dos companheiros servidos a Minié, para se apoderarem dos meios de agressão e defesa. (SILVA, 1924, p. 29-30)

Devemos destacar, também, que os soldados eram ainda atrapalhados pelas características naturais próprias de uma luta num terreno acidentado ou arborizado, impedindo a plena eficácia do armamento. Ademais, estes soldados receberam estas armas poucos dias antes do combate do Estabelecimento, não tendo, portanto, tempo para treinar em seu uso e se acostumarem ao seu manuseio. A arma em si, demonstrou sua eficácia nas três guerras prussianas pela Unificação Alemã (1864 contra a Dinamarca, em 1866 contra a Áustria e em 1870-71 contra a França). Todavia, o exército prussiano já tinha uma experiência de duas décadas no preparo de seus soldados com tais armas.

Durante a Guerra do Paraguai, que também se caracterizou pela presença e constante uso de trincheiras e outros tipos de fortificações de campo, como as duas outras aqui tratadas, o alcance do armamento não poderia justificar a presença de fortificações de campo, como as trincheiras, para garantir uma maior segurança aos combatentes. Antes, esta deveu-se ao contato constante entre inimigos nas áreas de Passo da Pátria, Tuiuti, Curuzu, Curupaiti e Humaitá.

## Conclusão

É inegável que as armas raiadas tenham proporcionado maiores alcance, precisão e poder de impacto sobre seus alvos, sendo gritante a diferença entre estas e os antigos mosquetes de alma lisa (tubos sem ranhuras em seu interior). As armas raiadas de meados do século XIX, contudo, eram semelhantes aos mosquetes e artilharia de alma lisa na sua forma de municionamento, todas eram armas carregadas pela boca e não pela culatra, que demandavam a mesma quantidade de

GONÇALVES, Leandro José Celemente. Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)

movimentos dos soldados para municia-las, apontá-las e dispará-las. Logo, não houve qualquer acréscimo de velocidade (razão de fogo) do tiro.

Muitos foram os entusiastas no século XIX, como Friedrich Engels, que acreditavam numa revolução do rifle sobre os campos de batalha, todavia, diferente de historiadores do século XX, chamavam atenção para o fato de que era necessário um rigoroso programa de treinamento para os soldados. No século XX historiadores militares como Fuller, Messenger e Edgerton, defenderam esta perspectiva revolucionária, ignorando, porém, o apelo ao treinamento. Engels, valorizando a questão do prévio treinamento, dizia que

Nenhum exército recentemente formado por civis pode subsistir em um estado eficiente a menos que seja treinado e apoiado por imensos recursos materiais e intelectuais que se encontram depositados nas mãos de um exército regular proporcionalmente forte e, principalmente, pela organização que constitui a força maior de um exército regular. (ENGELS, 2020, p. 275)

Para os adeptos da “revolução do rifle” a tragédia das três guerras aqui utilizadas como exemplos é que a geração de soldados que nelas lutou o fez com táticas ultrapassadas, mais relacionadas ao século XVIII do que ao XIX, contra o devastador poder de fogo dos rifles. Eles levaram muitos historiadores da guerra que se debruçam sobre este período a crer que a balança havia pendido para a defesa em detrimento do ataque e que, dessa forma, o uso de fortificações de campo (trincheiras) era o resultado natural do emprego das armas raiadas.

Nossa percepção, aqui, é integralmente diversa. Nos apoiando em Hess, Griffith e Nosworthy, além de relatos com experiências de veteranos daquelas três guerras, podemos constatar que a guerra de trincheiras do século XIX nasceu, antes, do contato aproximado e prolongado entre forças oponentes em campo de batalha. A ideia central por trás da trincheira era, então, garantir proteção contra um assalto repentino de uma força inimiga que se sabia estar presente à curta distância. Constata-se, especialmente pelo caso do conflito no Paraguai, que os exércitos não temiam o alcance dilatado destas armas, mas sim o aparecimento repentino e de surpresa do inimigo. Devemos nos lembrar que o exército paraguaio estava quase integralmente dotado de antigos mosquetes de alma-lisa, cujo alcance e precisão era menor e, mesmo assim, os aliados (argentinos, brasileiros e uruguaios) buscaram se providenciar de entrincheiramentos os mais rebuscados. Além disso, os soldados não eram, de qualquer forma, bem adestrados para utilizarem o máximo da capacidade de suas armas raiadas, como demonstramos com o caso do fuzil Dreyse, na batalha do forte do Estabelecimento.

Ademais, os prussianos realizaram, na década de 1860, três grandes guerras bem sucedidas contra seus vizinhos (Dinamarca em 1864, Áustria em 1866 e França, em 1870-71) dotando suas

GONÇALVES, Leandro José Celemente. *Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)*

infantarias e cavalarias com estas armas, enquanto a única experiência de combate fora do exército prussiano, justamente o emprego pelo 15º batalhão de infantaria brasileiro em 19 de fevereiro de 1868, foi um completo fiasco. A nosso ver, estas experiências tão diversas com a mesma arma contribuem para colocar abaixo qualquer afirmação “determinista” sobre o papel da modernidade industrial como verdadeiro agente transformador da guerra, levando à guerra de trincheiras.

Defendemos, assim, que não é a introdução do novo armamento, pura e simplesmente, que marca a diferença entre vitória e derrota na guerra, mas antes, doutrina adequada, treinamento e disciplina superiores. As condições geográficas (clima, vegetação e relevo), o deficiente preparo físico dos soldados (treinamento e alimentação) e as condições psicológicas (nervosismo e excitação) do campo de batalha muito prejudicavam a qualidade do tiro. Longe de se caracterizarem como guerras modernas, pelo menos dentro dos campos de batalha, estes três conflitos são, ainda, marcados pelos combates em estilo napoleônico, a curta distância e com uma importância ainda notável atribuída às armas brancas e ao uso de mosquetes como porretes. Assim sendo, tais guerras estão ainda muito longe da modernidade a elas atribuída por muitos historiadores do século XX.

## Referências

AGASSIZ, George R. *Meade's Headquarters, 1863-1865: letters of Colonel Theodore Lyman from the Wilderness to Appomatox*. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1922.

AMARAL, Antônio José do. *A influência do armamento de carregar pela culatra sobre os diferentes ramos da arte militar*. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1871.

BORMANN, José Bernardino. *História da Guerra do Paraguai*. Imprensa Paranaense, Curitiba, 1897.

CAXIAS, Luis Alvez de Lima e Silva, Duque de. *Exército em operações na República do Paraguai sob comando em chefe de todas as forças de S. Ex. o Sr. Marechal-de-exército Lui Alvez de Lima e Silva*. Rio de Janeiro: Typographia De Francisco Alvez de Souza, 1877.

CENTURIÓN, Juan Crisostomo. *Memorias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Asunción: Biblioteca Virtual del Paraguay, 2005. Disponível em: <http://fortalezas.org/midias/arquivos/2619.pdf>.

CERQUEIRA, Dionísio. *Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

HODASEVICH, K. *Within Sebastopol: a narrative of the campaign in Crimea and the events of siege*. Leonaur, 2008.

JOURDAN, Emílio Carlos. *Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Typographia de Laemmert, 1890.

MARACAJU, Rufino Enéas Galvão, Visconde de. *Campanha do Paraguai (1867 e 1868)*. Rio de

GONÇALVES, Leandro José Celemente. *Três Guerras, Uma Mesma Maneira de Combater: a tática nas guerras de meados do século XIX nos casos das guerras da Crimeia (1853-1856), da Secessão Americana (1861-1865) e do Paraguai (1864-1870)*

Janeiro: Imprensa Militar, 1922.

O'MALLEY, James. *With the Bengal Tigers in the Crimea: recollections of a soldier of the 17th Leicestershire Regiment during the Victorian Age*. Leonaur, 2012.

PALLEJA, León de. *Diário de la Campaña de las Fuerzas Aliadas Contra el Paraguay*. Montevideo: Biblioteca Artigas, Tomo I, 1960.

PEARD, George Shuldham. *Narrative of a Campaign in the Crimea: including an account of the battles of Alma, Balaclava, and Inkerman*. London: Richard Bentley, 1855.

Ministério da Guerra. *Relatórios do Ministério da Guerra apresentados à Assembléia Geral do Império* (1864).

SEEBER, Francisco. *Cartas sobre la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Talleres Gráficos de L. J. Rosso, 1907.

SHERMAN, William Tecumseh. *Memoirs of General W. T. Sherman*. New York: The Library of America, 1990.

SILVA, José L. Rodrigues da. *Recordações da Campanha do Paraguay*. São Paulo: Melhoramentos, 1924.

STEEVENS, Nathaniel. *The Campaign with the Connaught Rangers, 1854-55-56: a personal account of a serving officer of the regiment*. Leonaur, 2012.

U. S. WAR DEPARTMENT. *The War of the Rebellion: a Compilation of the Official Records of the Union and Confederate Armies*. 128 vols. Washington: Government Printing Office, 1880-1901.

WILKESON, Frank. *Turned Inside Out: recollections of a private soldier in the Army of the Potomac*. Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1997.

CASTRO, Adler Homero de. *Notas sobre o armamento na Guerra do Paraguai*. Disponível: <http://bndigital.bn.br/guerradoparaguai/artigos/Adler%20Armamento%20da%20Gerra%20do%20Paraguai.pdf>. Consultado em 30.11.2009.

DE MARCO, Miguel Angel. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Emece, 2007.

EDGERTON, Robert B. *Death or Glory: the legacy of the Crimean War*. Boulder: Western Press, 1999.

FIGES, Orlando. *Crimeia: a história da guerra que redesenhou o mapa da Europa no século XIX*. Rio de Janeiro, 2019.

FULLER, John F. Charles. *A Conduta da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

GRIFFITH, Paddy. *Battle Tactics of the Civil War*. New Haven and London: Yale University Press, 2001.